

EMARANHAMENTOS DE LINHAS DISCENTES: CONFECÇÕES CARTOGRÁFICAS EM EDUCAÇÃO.

ENTANGLEMENTS OF STUDENT LINES: CARTOGRAPHIC MANUFACTURING IN EDUCATION

Renê Echeverria¹

RESUMO: Este artigo tem o intuito de apresentar uma pesquisa, em andamento, que analisa vivências de discentes de pós-graduação em Educação da UFSCAR, São Carlos – SP, por meio da utilização do método cartográfico. O trabalho foi constituído por meio da análise parcial de dados de uma pesquisa em nível de mestrado atualmente em curso. Tal metodologia se volta para a concepção da realidade em sua multiplicidade de processos produtivos. O aporte cartográfico possui, portanto, como critério de análise os fluxos de desejo e de subjetivação. Neste sentido, a vivência dos discentes será cartografada por meio de seus encontros com valores éticos, implicações de forças políticas, códigos institucionais, recursos materiais sob a perspectiva de estabelecer pistas, conclusões parciais que possam servir de contribuição para o campo científico.

Palavras-chave: Cartografia; Educação; Pós-graduação.

ABSTRACT: The purpose of this article is to analyse the experience of graduate students in Education of the University of São Carlos through the cartographic method of research. The work was constituted by means of partial data analysis of an ongoing master's degree research. Such methodology turns to the conception of reality in your multiplicity of productive processes. The cartographic contribution, therefore, take as analysis criterion the flows of desire and subjectivation. In this sense, the graduate students will be cartographed by means of their encounter with ethical values, implications of political influences, institutional codes, material resources under the perspective to establish clues, partial conclusions that may serve as contribution for the scientific field.

Keywords: Cartography; Education; Graduate Studies.

Bem se vê que vagar é um verbo destituído de complemento, de objeto. O mesmo vale para pesquisar, que assume sua altura, sua exigência própria, quando quem pesquisa trabalha em rede, um pouco à maneira dos cupins, e quando o “quê” – que seria objeto do pesquisar – não é necessário em absoluto, sendo o “projeto pensado” do pesquisador: pesquisar (DELIGNY, 2018, p.38).

Sendo estudantes na posição de discentes inseridos dentro da instituição de pós-graduação em educação atravessados por uma multiplicidade de códigos que trazem como efeito a produção de modos de subjetivação, assim como, compreendendo que tais códigos são investidos por forças de desejo que os estabelecem em suas implicações, é inexorável alegar que mudanças significativas ocorrem na vida destes sujeitos. Neste sentido, a análise se volta para estas formações sociais do desejo em meio institucional, denominada uma análise micropolítica (GUATTARI & ROLNIK, 1986).

Os fluxos de desejo e de subjetivação tomam forma de linhas que se emaranham, produzindo atravessamentos característicos. Dentre estes atravessamentos

¹ Mestrando em educação (UFSCAR); Psicólogo clínico formado pela UNESP. [rene.echeverria@outlook.com]

destacam-se a concepção das linhas flexíveis, sendo estas possuidoras da qualidade de experimentação e mutação relativa às formas e forças presentes no território; linhas duras, caracterizadas pelos modelos rígidos, procedimentos estabelecidos por critérios acadêmicos, jurídicos, hierárquicos, como a própria forma deste trabalho e sua relação com prazos, rituais e critérios de inclusão e exclusão da instituição; e linhas de fuga, sendo estas fluxos descodificados do desejo que fazem emergir diferenças e que podem ou não ameaçar as formas rígidas do cenário (DELEUZE & GUATTARI, 1995).

Ainda na pista da produção de uma prática cartográfica, são utilizados como suportes conceituais as Linhas de errância. Qualificadas como movimentos experimentais de exploração e reconhecimento dos territórios no enlace de encontros com estranhamentos entre os códigos, elas indicam a intensificação do desejo, expansão da vida. Ao entrarem em composição com elementos que indicam a intensidade, elas se tornam Linhas costumeiras. Estas indicam repetições que intensificam o desejo e encontros que podem favorecer a produção criativa e de ampliação de potências singulares (DELIGNY, 2018).

Ao serem mapeados em traços, os agires que erram no território formam conjunções de linhas que se atravessam e ganham expressão em formas. Os movimentos de errância se dão na busca por autopreservação e fortalecimento da vida. Cartografar esta trama delimita o movimento do desejo na constituição de redes, o que Fernand Deligny denominou enquanto aracniano (DELIGNY, 2018).

Como será apresentado posteriormente, Deligny coloca em evidência em sua prática cartográfica os agires inatos, ou seja, movimento de expansão da vida de um corpo em conexão com outros corpos no território, sendo esta prática a da constituição de redes enquanto um modo de ser. Ao pensar os seres humanos neuróticos, ou seja, capazes de compor relações de sociabilidade e se adequar a convenções na efetuação de ações codificadas, seres conscientes de ser, que compreendem o limite de si em relação a outros corpos, este agir toma a forma de querer. Portanto, é necessário conseguir se distinguir do todo para que o movimento de expansão aracniano possa tomar forma de querer (DELIGNY, 2018).

A pesquisa se originou da proposta de utilizar os recursos conceituais da cartografia articulados a produção de dispositivos que os operacionalizem para efetuar um estudo acerca da experiência de discentes inseridos em um programa de pós-graduação em educação. Pesquisar por meio das linhas de desejo e subjetivação possui sua relevância no levantamento de material acerca das forças que movem estudantes da área a buscar formação. Discentes de pós-graduação são educadores, professores, pesquisadores, pessoas qualificadas na função social de mediar a relação de outros sujeitos com conhecimentos formais e informais. Analisar as forças que os atravessam implica em marcar elementos da formação produzida nos programas de pós-graduação em educação.

É importante constatar que o presente escritor deste trabalho é discente do programa de pós-graduação em Educação da UFSCAR – São Carlos – SP, e, portanto, também objeto de pesquisa e, por consequência, efetua análise da implicação destes códigos em sua própria experiência vivida e escrita. Portanto, parte do material analisado serão os relatos de encontro vivenciados pelo cartógrafo em relação com a instituição e seus códigos.

Compreender a processualidade que compõem realidades entre corpos em meio a natureza, atravessamento entre fluxos de desejo e subjetivação, a metodologia cartográfica não visa estabelecer leis gerais ou comprovação de fatos como verdades que possam ser aplicadas fora de seu contexto territorial. A cartografia não trabalha com coleta de dados que diriam algo sobre as relações que se estabelecem no contexto onde se efetua a pesquisa, mas compreende um processo de produção de dados. Isso se dá na medida em que o cartógrafo, ao intervir e analisar o objeto de pesquisa, transforma a realidade enquanto a cartografa. Neste sentido, a pesquisa cartográfica visa processos de produção de dados, mas também, produção de afetos, de processos de produção de subjetividade (GUATTARI, 1990).

Para desempenhar tal tarefa, o cartógrafo se vê diante da possibilidade e necessidade de criar ferramentas que possam ser coerentes ao objeto de pesquisa a ser mapeado. Neste sentido, trata-se da produção de dispositivos que produzam realidade dentro do contexto da pesquisa. Criar dispositivos demanda do cartógrafo um trabalho inventivo e experimental.

Por dispositivo, compreende-se como um conjunto de elementos heterogêneos que se integram em uma funcionalidade produtiva de acordo com o objetivo pelo qual foi produzido, assim como abrangendo certa flexibilidade e imprevisibilidade do que pode este fazer surgir. Um dispositivo sempre responde a uma urgência do momento no qual ele surge (FOUCAULT, 1979). Ele evidencia linhas de visibilidade, estabelecendo seu foco em determinado aspecto da realidade; linhas de enunciação, que produzem discursos, códigos, formas que tem efeito de verdades provisórias, que afetam os corpos e delimitam maneiras de perceber o mundo em meio a esse processo; linhas de força que se relacionam e se conflitam em sua esfera política, relações de poder e hierarquias que organizam as territorialidades e estabelecem espaços de disputas que originam formas e linhas de subjetivação, que se firmam em processos de produção de modos de percepção e regimes de afetabilidade entre os corpos (DELEUZE, 2001).

Para enriquecer a proposição cartográfica foi estabelecida uma conexão com o conceito *chevêtre*: conjunto de objetos e elementos que se dispõem no território fazendo surgir modos de relação onde podem-se traçar linhas de errância e linhas costumeiras que dão pistas sobre o direcionamento de produção e corte de fluxos de desejo em meio aos encontros vivenciados entre corpos. Tais elementos podem ser aspectos característicos do território como também podem ser produzidos com o intuito de compor modos de relação (DELIGNY, 2018).

A prática cartográfica propõe a inversão do sentido etimológico da concepção de método, que se origina dos termos gregos *metá* (objetivo traçado à priori) e *hodós* (caminho a ser seguido). Neste sentido, a inversão da proposição de resulta na produção de um *hodós – metá*, ou seja, caminhar que traça seus objetivos durante a própria experimentação, delimitando a processualidade produtiva da realidade (PASSOS & BENEVIDES, 2009).

Tal proposição delimita encontros com a multiplicidade de processos que se relacionam, se conectam e se reproduzem em meio à heterogeneidade proliferante. Estas conexões afetivas se efetua na produção de sentidos, cadeias semióticas em fluxos materiais e imateriais que se traçam neste plano relacional. Esta forma de percepção concebe, portanto, a realidade como processos imanentes de produção que tomam forma rizomática (DELEUZE & GUATTARI, 1995).

Portanto, os dispositivos da pesquisa serão nomeados como EMARANHAMENTOS, sendo estas ferramentas para se embrenhar nos nós, atravessamentos, rupturas, tensões, tramas e traçados de linhas de desejo e subjetivação que se efetuam em meio às relações na pós-graduação em educação da Universidade Federal de São Carlos – SP.

TRAÇANDO REDES: ERRÂNCIAS DE UM CARTÓGRAFO

Para produzir o conjunto de práticas com o intuito de adentrar o emaranhado de relações dentro de um PPG em educação foram efetuadas algumas experimentações. Em colaboração com o grupo de pesquisa e criação em arte e educação, o LabCriarte, foram efetuadas uma série de encontros com estudos técnicos e teóricos para a constituição de projetos. Os encontros desse grupo envolvem uma dinâmica de circulação de conhecimentos de várias áreas, tais como imagem e som, teatro, fotografia, radiofonia, poesia, letras, psicologia, pedagogia, antropologia, história da arte..., que, durante o ano de 2019 constituíram dois projetos significativos que serviram de ensaio para esta pesquisa.

O primeiro foi na participação do grupo na organização do I Ciclo de debates sobre infâncias, gêneros e sexualidades, ocorrido na UFSCAR nos dias 6, 7, 8 e 9 de Junho. Para além das funções de organização, alguns integrantes do grupo projetaram uma vivência em arte e educação. Para esta vivência foi articulada uma montagem de um campo, em uma sala na aula, com espaço para caminhar tranquilamente e alguns elementos em determinadas localidades: Um conjunto de frutas, plantas, brinquedos, tecidos, objetos diversos dispostos no chão em um grande tecido; ao outro lado um espelho na parede; música instrumental (jazz) toca nas caixas de som ligadas ao computador ao canto; dispomos algumas câmeras em uma mesa e um conjunto de papeis, revistas, tesouras, canetas em outra mesa.

A vivência se iniciou com a utilização de jogos teatrais do Teatro do Oprimido (BOAL, 2012). Durante os jogos foi sugerido que alguns integrantes utilizassem as duas câmeras de filmagem disponíveis enquanto outros continuavam com os jogos, criando posições de filmadores e filmados dentro do grupo. Depois de algum tempo nesta dinâmica do exercício, foi proposta a prática da técnica *blackout* de produção de poesia. O grupo se dirigiu à mesa com as folhas, tesouras, canetas e revistas e passou a utilizar os materiais para produzir poesias, sentados e deitados pelo espaço da sala. A prática serviu de descanso para a movimentação intensa do exercício anterior e garantiu a continuidade de processos criativos. Foram produzidas algumas poesias que foram expostas em seguida para leitura. Para o terceiro momento da vivência foi proposto exercícios de composição de imagem por meio da fotografia (MIGLIORIN, *et al.*, 2016). Utilizaram-se elementos dispostos no campo de experimentação, que foram transportados para a área externa da sala de aula para a produção de imagens fotográficas ao ar livre. Esta vivência teve três horas de duração.

O objetivo desta proposta foi testar a articulação de conhecimentos técnicos do grupo em uma composição coletiva de oficina em arte e educação. O LabCriarte possui enquanto característica a proposição de criação de dispositivos estéticos em dinâmicas grupais envolvendo técnicas artísticas para pensar meios de relações educativas. A experiência evidenciou a complexidade de constituir harmonicamente estes dispositivos para que possam intensificar as relações presentes e funcionar

enquanto vetores de produção de conhecimentos, aqui referenciados enquanto vetores de produção de subjetividade (GUATTARI, 1990).

Pensando esta articulação entre a diversidade de elementos presentes e em trânsito do grupo de pesquisa, durante o período de Agosto a Dezembro de 2019 foi desenvolvido o projeto de extensão Cinema no bairro: uma proposta de experimentação visual, cultura e educação – Oficinas de experimentação audiovisual no CEU das Artes Emílio Manzano. Agenciando o LabCriarte em parceria com uma instituição filantrópica da cidade e a coordenação do CEU das Artes Emílio Manzano, localizado no bairro São Carlos 8 em São Carlos – SP, o grupo passou pelo planejamento de um cronograma de atividades que se voltasse para o ensino da linguagem audiovisual para crianças e adolescentes do território no qual o projeto foi inserido. Considerando os códigos socioculturais presentes na instituição, as oficinas se conectaram ao grupo de integrantes das oficinas de skate, produzindo como resultado um curta-metragem abordando esta temática.

O grupo prosseguiu com o exercício de criação de dispositivos estéticos e educativos aliando técnicas de Teatro do Oprimido (BOAL, 2012), de radiofonia e audiovisual (MIGLIORIN *et al.*, 2016), procurando tornar acessíveis e afetivas as relações com o grupo de crianças e adolescentes. Foram criadas duas turmas em dois períodos (manhã e tarde) em encontros semanais de aproximadamente duas horas de duração. Os integrantes do grupo de pesquisa contaram com um número oscilante de integrantes das oficinas em decorrência de interferências institucionais, como o atravessamento de eventos e a coexistência de várias oficinas no mesmo horário, assim como problemas de comunicação com a instituição filantrópica mediadora da relação entre o projeto de extensão e a instituição na qual ocorriam as atividades. Tais implicações institucionais influenciaram o cronograma e os planejamentos do projeto, exigindo do grupo de pesquisa flexibilidade metodológica.

Pelo fato de o projeto de extensão ter a duração de um semestre foi possível desenvolver uma grande quantidade conjuntos de práticas por meio da modificação dos materiais pesquisados. Os dispositivos foram produzidos por duplas de integrantes do LabCriarte e debatidos coletivamente em torno de quatro categorias: texto, corpo, som e audiovisual. Cada dupla pode contribuir com os conhecimentos com os quais possuíam experiência. Houve alguns atropelamentos na necessidade de adequar o planejamento a situação material dos encontros na instituição e nem todos os dispositivos planejados foram utilizados, porém, a produção cinematográfica do curta-metragem se efetuou².

A experiência com o projeto de extensão evidenciou mais uma vez a complexidade de se produzir dispositivos que se conectem de maneira intensiva com as populações e territórios nos quais eles serão operados. Todo procedimento planejado deve ser reinventado em contato com a realidade material para garantir sua coesão e uma relação não coercitiva para com integrantes do grupo. Nesse sentido, evidencia-se a exigência de educadores fora do contexto formal de flexibilizar e adequar suas metodologias buscando maneiras de vivenciar relações educativas. Esse jogo de implicações se apresenta tanto no planejamento em grupo das oficinas quanto em sua aplicação. Tais encontros evidenciam forças presentes que ganham expressão nos corpos, as fissuras e incoerências dos modelos aparecem na medida em que pesquisadores intervêm no território e buscam maneiras de se conectar e abrir

2 Curta metragem “CEU do SK8” disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bTmEbQfRhJE>

caminho para tais afetos. Os processos educativos aqui tramados já explicitam seu papel micropolítico de transformação social, favorecendo o engajamento de jovens, pesquisadores e educadores da instituição produzindo diferenciações nos modos de subjetivação no que diz respeito a uma maior compreensão de como se dão os processos de produção audiovisual, os quais se tornam campos cruciais para a criação de metodologias educativas na atualidade.

Ainda nas errâncias dos estudos de metodologias em educação, anteriormente à produção de projetos com o LabCriarte, a pessoa que vos escreve efetuou encontros com outros dois grupos de pesquisa existentes na UFSCAR: o EDIPIC (Grupo de estudos e pesquisas em educação infantil e pequena infância em contexto) e o GEPESC (Grupo de estudos e pesquisas em educação, subjetividade e cultura).

Quanto aos encontros com o EDIPIC, grupo composto majoritariamente por pedagogas e discentes do curso pedagogia e pós-graduação em educação da UFSCAR que pesquisam e atuam profissionalmente enquanto educadoras de educação infantil, se deu no contexto de encontros semanais. A inserção da pessoa que vos escreve se deu a partir do momento que o grupo se voltou para o estudo do método cartográfico enquanto uma possibilidade eficiente de pesquisar junto a crianças de primeira infância. As crianças demandam uma maneira outra de comunicação para que se possa compreender seus mundos. O brincar tem um papel fundamental, assim como a invenção e o estudo de jogos e brincadeiras servem de caixa de ferramentas necessária para qualquer pessoa que se volte a se relacionar com crianças desta faixa etária. Neste sentido, o estudo da cartografia ofereceu a possibilidade de pensar criações metodológicas para se efetuar a tarefa de analisar os processos de produção de subjetividade vivenciados por crianças de primeira infância. Os estudos de cartografia se deram por meio da obra *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* (PASSOS; KASTRUP e DA ESCÓSSIA, 2009). A relação com este grupo foi esporádica e caracterizada por relatos de experiência e estudos teóricos.

Em relação aos encontros com o GEPESC, grupo formado por discentes dos cursos de graduação de pedagogia, psicologia e física da UFSCAR, houve a possibilidade de vivenciar a operacionalização de alguns dispositivos compostos na forma de oficinas artísticas em uma escola em nível de ensino fundamental e médio da rede municipal. Adentrar ao GEPESC enquanto visitante ofereceu a possibilidade de pensar estes dispositivos estéticos utilizados em forma de intervenção com o objetivo de estimular a autonomia de jovens estudantes e acolher suas demandas, abrindo campos de problematização e possíveis agenciamentos com serviços da universidade e do município. As oficinas eram separadas em quatro categorias, cada uma composta por uma série de três dispositivos compostos por três práticas artísticas. Estes dispositivos eram constituídos por uma diversidade de linguagens artísticas (Artes plásticas, artes visuais, fotografia, teatro, dança e poesia) que se conversavam. Nos encontros com esse grupo foram vivenciadas trocas de técnicas artísticas para enriquecimento da formação profissional de discentes integrantes e enriquecimento da dinâmica institucional da escola municipal, na qual as intervenções ocorreram na forma de disciplinas eletivas, favorecendo a atenção a demandas de estudantes do ensino fundamental e ensino médio.

REFERÊNCIAS CARTOGRÁFICAS: DISPOSITIVOS E *CHEVÊTRES*

Estas andanças por territórios da UFSCAR, entre grupos de pesquisa vinculados ao PPGE e suas conexões com territórios localizados na cidade de São Carlos configuraram o primeiro momento de constituição das ferramentas necessárias para o desenvolvimento da pesquisa deste trabalho. Os estudos técnicos referentes a conhecimentos de diferentes áreas elencaram elementos que, na trama desta prática cartográfica, passam a compor a *bricolage* desta obra. Este traçar de linhas flexíveis em filiações diversas constitui uma necessidade para a efetuação da proposta cartográfica. Por compreender a realidade em sua processualidade, a pesquisa ganha caráter processual demarcando seus encontros e transmutações enquanto se efetua. E para efetuar tal tarefa não oferece um modelo *a priori*, mas sempre requer, para funcionar, procedimentos encarnados em dispositivos (KASTRUP & DE BARROS, 2009).

Segundo Michel Foucault, um dispositivo é:

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos (FOUCAULT, 1979, p. 244).

Portanto, Foucault delimita um conceito que fornece a possibilidade da análise da rede de relações de determinados elementos, como os citados como exemplo acima. Ainda nos referindo às quatro linhas componentes de um dispositivo: suas linhas de visibilidade, de enunciação, de força e de subjetivação, compreende-se que esta prática analítica por meio dos dispositivos traz como consequência o repúdio a conceitos universais e a mudança de orientação do olhar, anteriormente voltado para o eterno, em direção ao novo, a realidade que passa por constantes processos de atualização (DELEUZE, 2001).

Dentro desta lógica foucaultiana estamos todos inseridos em emaranhados de linhas compostas na forma de dispositivos, dispositivos dentro de dispositivos em uma malha produtiva incessante de conexões. Neste sentido, a prática da cartografia demanda a produção de dispositivos para desemaranhar estas linhas, mapear suas implicações nos corpos atravessados em sua dinâmica. Portanto, o dispositivo cartográfico assume três movimentos-funções: Movimento-função de referência; Movimento-função de explicitação e Movimento-função de transformação/produção (KASTRUP & DE BARROS, 2009).

Por movimento-função de referência se compreende a necessidade da regularidade de um dispositivo para a produção de uma prática cartográfica. Por exemplo, um dispositivo oficina artística demanda que haja o planejamento de uma localidade, de um horário, de um conjunto de práticas e de uma frequência de encontros previamente agendada. Pode-se dizer que as oficinas artísticas do projeto de extensão “Cinema no bairro: uma proposta de experimentação visual, cultura e educação – Oficinas de experimentação audiovisual no CEU das Artes Emílio Manzano; os encontros do grupo GEPESC em uma escola municipal; os encontros em forma de grupo de estudos do EDIPIC fomentam este movimento-função de referência. O

dispositivo deve ser uma referência no território em que se localiza, um ponto de encontro para garantir a continuidade da prática cartográfica.

Por movimento-função de explicitação se entende, parafraseando Suely Rolnik, a tarefa do dispositivo de dar língua aos afetos que pedem passagem (ROLNIK, 1989). Faz-se pertinente que o dispositivo favoreça a tarefa do dizer, do expressar, de constituir formas e modos no mundo os afetos provocados pelas experiências a serem cartografadas. Ao compreender este movimento-função se evidencia o aspecto experimental que deve produzir estímulos que favoreçam esses processos de singularização, ou seja, processos nos quais as forças do território (linhas de força do dispositivo) se expressem em forma de signos através de um corpo (GUATTARI & ROLNIK, 1986). Portanto, a prática não deve colonizar os integrantes do grupo ao ponto de eles dizerem o que acham que se espera ser dito, mas criar dinâmicas disparadoras, provocadoras, que façam aparecer implicações do território, atualizando os modos de subjetivação acerca destas experiências. O projeto de extensão acima citado cumpriu esta tarefa se conectando com a instituição na qual ocorriam oficinas de skate com crianças e adolescentes. Neste sentido, as oficinas de audiovisual atualizaram a percepção dos jovens, produzindo outros recursos estéticos e, portanto, de produção de subjetividade, no processo de se apropriar de técnicas de filmagem para a produção de um curta-metragem que conte histórias vividas no território; semelhante a essa experiência, o GEPESC produz oficinas artísticas com o intuito de acolher demandas de jovens estudantes em contexto escolar, oferecendo um espaço de expressão e escuta em meio às práticas artísticas; ou o EDIPIC, em formato de grupo de estudos, que, por meio da leitura de uma obra favorece a explicitação de experiências, avaliação de práticas que ressoam junto a estes recursos teóricos.

E, por fim, o movimento-função de transformação/produção evidencia o caráter inextrincável de a prática cartográfica se configurar enquanto pesquisa-intervenção (PASSOS & DE BARROS, 2009). Neste sentido, a prática cartográfica não existe sem o movimento de intervenção no território no qual esta se insere, e, portanto, modifica a realidade na medida em que a pesquisa. Esses processos interventivos visam favorecer a criação de condições para a transformação das relações, atualizando os modos de percebê-las e vivenciá-las em um campo de forças implicadas. Os encontros produzem sujeitos residuais, devires (DELEUZE & GUATTARI, 1997) que emergem atualizando as potências dos corpos na rede de agenciamentos. Jovens se modificam ao passar a perceber possibilidades outras nos espaços de oficina do CEU das artes e nas relações com a produção de vídeos, implementando técnicas aos seus cotidianos, produzindo vídeos em um canal do *Youtube* e em outras redes sociais; estudantes tomam consciência da existência de determinadas práticas artísticas, favorecendo possíveis agenciamentos que intensifiquem o desejo e atualizem suas potências singulares, se relacionam com espaços de escuta, compreendendo formas de comunicação e confiança para além dos modos presentes de relação na escola; pedagogas atualizam sua percepção acerca de metodologias de pesquisa, vislumbrando um novo horizonte de possibilidades no exercício profissional.

Portanto, a arte de confeccionar dispositivos como ferramentas de pesquisa é sustentada pela conjunção de áreas de conhecimentos teóricos e técnicos, o que evidencia seu caráter transdisciplinar. A prática convoca os códigos que atravessam

o corpo-cartógrafo a se singularizarem em uma *bricolage* com os encontros no território.

Ao constituir o conjunto de saberes que envolvem o trabalho desta pesquisa foi considerada pertinente buscar não somente o método cartográfico proposto por Gilles Deleuze e Felix Guattari (1995), mas também a proposição cartográfica de um pedagogo-poeta-etólogo contemporâneo aos autores e referência para o desenvolvimento da cartografia. Fernand Deligny atuou enquanto pedagogo durante a segunda metade do séc. XX, depois da Segunda Guerra Mundial, na França, na criação de metodologias educativas voltadas para crianças e jovens tidos como portadores de comportamentos anormais, inadequados, que se encontravam em situação de marginalidade e vulnerabilidade. O trabalho de Deligny é atravessado por valores éticos voltados para a não opressão, não normatização destes processos. Neste sentido, Deligny esteve em constante recusa de considerar crianças e jovens enquanto problemas em si por não agirem conforme o esperado por um sistema moral e político em ruínas no contexto do pós-guerra e sustentou uma postura militante dentro da educação em constante crítica aos profissionais voltados para métodos correccionais e moralizantes:

Elas [as pessoas] pululam em torno das crianças em situação de perigo “moral”, delinquentes ou inadaptadas. Defensores dissimulados de uma ordem social podre e ruindo por toda parte, ocupam-se das vítimas mais flagrantes dos desmoronamentos: as crianças miseráveis. Importunos e tenazes, juntam-se como moscas, e zumbido de sua atividade benfeitora camufla a simples necessidade de devorar nessa carne moribunda seus próprios desejos de obediência servil, de conformismo flácido e de moralismo de meia-tigela (DELIGNY, 2018, p. 16).

Ao se voltar contra as verdades universais acerca do que é uma boa educação, o que é uma boa criança, do que são bons valores dentro de um sistema falido, a obra de Deligny assume uma postura semelhante ao trabalho de Michel Foucault no que diz respeito à filosofia dos dispositivos: o de um repúdio aos conceitos postos como verdades universais e eternas e a mudança de orientação do olhar, anteriormente voltado para o eterno, em direção ao novo, à realidade presente que clama por processos de atualização de suas formas em ruínas (DELEUZE, 2001). Neste sentido, no que diz respeito ao iniciar o empreendimento ético de trabalhar em uma instituição asilar para crianças autistas no ano de 1968, Deligny desenvolveu uma constelação de conceitos que pudessem tornar inteligível seu trabalho e de sua equipe. Estes territórios conceituais que se configuram no formato de uma metodologia com espaços “vagos” para processos de experimentação e observação com as crianças se apresentam na forma de ensaios constituídos por aforismos atravessados por relatos autobiográficos.

Deligny deu grande valor para práticas coletivas em sua postura de acompanhar processos vivenciados pelas crianças autistas. Trata-se de uma proposição topográfica na qual se criou um lugar comum onde se dispõem atividades cotidianas como fazer pão, moldar objetos em argila, brincar com pedras (seixos), brincar com bacias com água, explorar o território, que se localizava em meio às montanhas de *Cevennes*, ao centro-sul da França. As atividades cotidianas possibilitaram cartografar os agires das crianças que, ao transitarem no território (sendo o conceito utilizado por Deligny o de *topos*), traçam encontros com elementos que se fazem presentes. Nesse

sentido, as crianças traçam linhas de errância ao agirem no *topos*, de tal forma que determinados encontros influenciam essas linhas. Alguns elementos se tornam mais interessantes que outros, fazendo com que as linhas de errância se convertam em linhas costumeiras, traçando encontros mais recorrentes e movimentos ritualísticos (DELIGNY, 2018).

Estes elementos que influenciam as linhas de errância, que podem ser tanto objetos que compõem as atividades dispostas no plano comum quanto outros objetos que se encontram na paisagem, Deligny nomeou de *Chevêtres*. A palavra de origem francesa no passado significou cabresto, ligadura ou atadura. Na atualidade, o termo significa dormente (soalho). Porém, a acepção mencionada aqui está relacionada a palavra *enchevetrement*, que significa encabrestamento ou emaranhamento. Os traçados das linhas de errância se emaranham em elementos presentes no *topos*, se tornando linhas costumeiras na constituição de planos comuns (DELIGNY, 2018).

A proposição da criação de áreas de convivência que viabilizavam formas de relação para além da língua falada ao lidar com crianças caracterizadas pela “vacância de linguagem” (DELIGNY, 2018), explicita a tentativa de modular um método que pudesse captar essas outras formas de conexão com pessoas, coisas, com o mundo, para além da referência de consciência constituída enquanto estrutura neurótica em um aparelho psíquico interno (FREUD, 2011). Neste processo de confecção de conceitos Deligny apontou a existência de uma esfera pré-humana, anterior a linguagem, ao que ele emprestou a analogia da produção de teias por parte de aracnídeos. Aracniano, portanto, é o modo de viver em rede configurado enquanto fenômeno constante, uma necessidade vital (DELIGNY, 2018).

Aracniano, portanto, não é uma estrutura, mas um funcionamento singular. Ele se explicita nos corpos humanos por meio do agir inato, ou seja, por agires que não são premeditados racionalmente. Deligny estabeleceu na constituição deste conceito um diálogo com a biologia e a etologia, principalmente com o estudo de arquiteturas animais de Karl Von Frisch. Neste sentido, as arquiteturas animais se constituem por meio de agires inatos que se relacionam com a sobrevivência das espécies. A constituição de colônias de cupins, de ninhos de pássaros, de represas de castores aponta para a produção de arquiteturas que não possuíam uma planta, um projeto organizado, e, ainda assim, os animais persistem na edificação dessas obras (DELIGNY, 2018).

Ao cartografar os agires inatos das crianças autistas em meio ao *topos* compartilhado foi possível marcar, no traçado de gestos, as expressões do aracniano. Foram utilizadas plantas arquitetônicas da comunidade asilar sobrepostas por material transparente no qual se traçavam os agires das crianças, marcando *chevêtres* entre linhas de errância e linhas costumeiras. É importante ressaltar que compreender a expressão do aracniano enquanto agires inatos estabelece um posicionamento, não de desumanização das crianças autistas, mas de crítica a constituição de uma cultura humana sobrecodificadora caracterizada pela imposição de um modelo coercitivo e marginalizante (DELIGNY, 2018).

De certa forma Deligny aponta que a configuração humana sobrepõe aos agires inatos a capacidade de querer. Portanto, os querereres só se apresentam quando há uma consciência de si, quando há a existência de um ser consciente de ser:

O homem é feito de tal modo que a galáxia do intencional consciente ou inconsciente, no sentido freudiano da palavra, oculta aquelas outras galáxias que teriam direito ao termo de inatas, algo com o que o ser consciente de ser só conseguiria comover-se em detrimento da importância predominante que ele atribuiu a esse querer no qual deposita todas as suas esperanças (DELIGNY, 2018, p. 21).

Portanto, o aracniano explicita as tensões entre arquiteturas e redes, tensões entre o animal-humano, explicitando que o homem se caracteriza pela prevalência de um projeto pensado. Este termo está referido às estruturas que premeditam as relações humanas, as investindo de caráter utilitário, de voltar a humanidade para a produção de coisas úteis com seus conhecimentos e tecnologias, resultando em um constante processo de sobrecarga, portanto, sobrecarga do projeto pensado. Pode-se referir o projeto pensado aos processos de organização de um corpo, na medida em que ele se reduz à sua forma útil e se distancia de suas formas de produção de vida, de intensidade vital, efetuação do desejo. O que caracteriza a prevalência do projeto pensado é o fato de esta arquitetura ser perpetuada enquanto superior às instâncias vitais dos agires inatos. Daí emerge o dilema projeto pensado - aracniano (DELIGNY, 2018).

Dentro deste dilema há um jogo de forças nos quais o aracniano busca se efetuar na medida em que se esbarra nos projetos pensados. Neste sentido, Deligny buscou constituir seu trabalho em consonância com a persistência do aracniano, na efetuação dos agires inatos, mesmo na prevalência de querer oriundos de seres conscientes de ser, mesmo nas tensões entre arquiteturas sobrecodificadoras e o traçado de redes:

Foi preciso, portanto, imaginarmos uma prática que permitisse ao aracniano não apenas existir, mas persistir - o que é muito mais incerto, pois se o aracniano eventualmente aflora, vai saber o que ele precisará suportar; será, no mínimo, incorporado ao projeto pensado (DELIGNY, 2018, p. 39).

O pedagogo-poeta-etólogo se voltou para a constituição de práticas educativas voltadas para a persistência das necessidades vitais das crianças autistas, dando a estas sua maior relevância. O que estabelece uma crítica fundamental aos modelos institucionais de educação formal ou informal no contexto histórico no qual Deligny se localiza. Ao deslocar seu foco do utilitário, os processos educativos desviam as práticas da constituição de saberes utilitários, normativos, premeditados para a constituição de saberes de si, saberes do aracniano que se afirma em sua força vital.

Ao partir dos conceitos de dispositivo e *chevêtre*, portanto, esta cartografia se voltou para o mapeamento dos fluxos de desejo em relação aos modos de subjetivação, ou, a expressão do aracniano em sua tensão com o projeto pensado, no que diz respeito a discentes de um programa de pós-graduação em educação. Portanto, para a efetuação desta pesquisa, operacionalizando estes conceitos, foram constituídos conjuntos de práticas denominados EMARANHAMENTOS.

CONFECIONANDO OS EMARANHAMENTOS

Considerando a premissa de que a prática cartográfica se estabelece por meio de uma pesquisa-intervenção, assim como, considerando que a constituição de um

plano comum seja necessária para a análise de implicações no território, o conjunto de práticas desta pesquisa foi projetado para ser efetuado em quatro encontros em grupo, de três horas de duração, com discentes de pós-graduação em educação. A quantidade de encontros foi planejada de acordo com o limite de prazo da pesquisa, tendo em vista que este trabalho apresenta dados parciais de uma pesquisa em nível de mestrado em educação. Para estes encontros grupais foi projetado um conjunto de práticas artísticas que pudessem favorecer a constituição de processos de mapeamento de experiências vivenciadas durante o período enquanto discente. Estas práticas foram fomentadas de acordo com as errâncias citadas acima, assim como visam sustentar determinado paradigma epistemológico e também produzir variações no que se compreende enquanto cartografia. Os dispositivos-*chevêtres* foram nomeados EMARANHAMENTOS, sendo presente na palavra a concepção cartográfica de mapear as linhas de força, de subjetivação, que se emaranham nas territorialidades pesquisadas, assim como por carregar dentro de si a palavra ARANHA, referência ao aracniano de Fernand Deligny.

Na composição da *bricolage* dos EMARANHAMENTOS foram constituídas quatro territorialidades no intuito de garantir certa amplitude para a produção dos dados, e também para oferecer alguns caminhos para que discentes pudessem avaliar suas respectivas experiências no programa. Cada territorialidade carrega consigo uma pergunta norteadora para servir de pista para a expressão dos afetos que atravessam o corpo. Portanto, os EMARANHAMENTOS se dispõem de territorialidades geográficas (Aonde vai este corpo?); territorialidades corporais (O que sente este corpo?); territorialidades do querer (O que quer este corpo?) e territorialidades da poesia (O que quer dizer este corpo?). É importante ressaltar a função de disparador dos EMARANHAMENTOS, ou seja, de um conjunto de atividades que produz modos de subjetivação (GUATTARI, 1990) acerca das experiências vividas pelos corpos. Todos os encontros seriam compostos por dois momentos: O primeiro dos procedimentos cartográficos e o segundo de uma conversa em grupo acerca do que provocou a experiência. Todos os encontros seriam registrados por meio de gravação de áudio e de filmagem:

EMARANHAMENTO I

Para as territorialidades geográficas (Aonde vai este corpo?) foram projetados procedimentos inspirados no trabalho de Fernand Deligny em *Cevennes* (DELIGNY, 2018). Neste sentido, esta prática foi projetada para efetuar o mapeamento dos lugares que os discentes percorreram na UFSCAR, campus de São Carlos – SP. No primeiro encontro em grupo seria disposto um mapa da UFSCAR, impresso em formato A0, no qual seria sobreposto uma transparência de plástico onde as pessoas que compusessem o grupo traçariam seus trajetos com canetas marcadoras permanentes.

EMARANHAMENTO II

Para as territorialidades corporais (O que sente este corpo?) foram projetados procedimentos inspirados na técnica *Body-Map Storytelling* (GASTALDO; RIVAS-QUARNETI & MAGALHÃES, 2018). Este conteúdo foi agenciado por meio do encontro com a docente do departamento de terapia ocupacional da UFSCar, Sabrina

Ferigato. Tal encontro se fez muito prolífico na possibilidade de estabelecer diálogos na produção de pesquisas cartográficas nas áreas da educação e da saúde. A técnica *Body-Map Storytelling* consiste na utilização da produção de mapas utilizando desenho, pintura e outras técnicas artísticas para visualmente representar aspectos das vidas de pessoas, seus corpos e o mundo no qual estão inseridos para produzir narrativas. Neste sentido, cada integrante do grupo utilizaria materiais gráficos (lápis, tinta, giz, caneta, colagem...) para produzir uma imagem de seu próprio corpo em um tamanho próximo ao real. Dentro deste corpo seriam colocados signos, elementos que pudessem explicitar sensações vivenciadas enquanto discente da pós-graduação em educação, oferecendo a possibilidade de dar forma aos afetos vividos.

EMARANHAMENTO III

Para as territorialidades do querer (O que quer este corpo?) foi projetada uma instalação utilizando a obra *Túnel*, de Lygia Clark (1973), e jogos dramáticos do arsenal do Teatro do Oprimido, de Augusto Boal, (BOAL, 2012). A instalação aconteceria em um local fechado, onde seria proposto um trajeto entre paredes projetadas com tecido TNT e suportes. As pessoas adentrariam a instalação por meio do Túnel de Lygia Clark, que é constituído de um tubo de tecido de lycra de aproximadamente 50 metros de comprimento, onde as pessoas se esgueirariam em movimentos ras- teiros para atravessar, na medida em que o Túnel efetua movimentos de compressão. Adentrando o trajeto estariam pendurados em linhas de nylon no teto, pedaços de papel nos quais estariam escritas palavras surgidas das conversas dos encontros anteriores. Integrantes do grupo percorreriam este trajeto observando as palavras e, em seguida, chegariam ao centro da sala onde haveria uma marcação no chão. Esta marca indica o início de uma prática: a de criar um gesto corporal e reproduzir um som que represente a experiência enquanto discente da pós-graduação em educação. Esta prática seria feita por uma pessoa por vez. Após todos criarem seus gestos com sons e observarem os gestos e sons dos outros seria proposta uma prática em grupo do jogo *Máquina de ritmos* (BOAL, 2012, p. 150). As regras do jogo são: Uma a uma, pessoas integrantes do grupo vão até o centro da sala e propõem um gesto e um som, efetuando uma breve experimentação para escolher os elementos. Assim que escolhidos, o gesto e o som, eles devem ser apresentados repetidamente no centro da sala. Na medida em que as pessoas vão integrando a sala, o grupo se torna uma máquina de ritmos com uma temática, sendo esta, no caso, a pós-graduação em educação. A máquina coletiva pode variar de ritmos, experimentando acelerações e desacelerações conduzidas por integrantes do grupo.

EMARANHAMENTO VI:

E, por fim, para as territorialidades da poesia (O que quer dizer este corpo?), foi projetado um exercício inspirado no trabalho de Rodrigo Bottari, psicoterapeuta de Araraquara – SP, que promove eventos de composição coletiva com práticas artísticas de poesia, artes visuais e música. Neste exercício o grupo se sentaria em cadeiras em volta de uma mesa na qual estariam dispostos tiras de papel sulfite e canetas. Cada pessoa pegaria duas tiras de papel e uma caneta e escreveria um palavra em cada tira. Em seguida desenhariam uma seta para a direita em uma tira

e uma seta para esquerda na outra. As palavras seriam passadas para as pessoas sentadas no lado delimitado pela seta desenhada, uma palavra para a pessoa da esquerda e outra para a pessoa da direita. Todos fariam isso ao mesmo tempo. Em seguida, à partir das palavras recebidas, as pessoas escreveriam mais duas palavras, repetindo o processo até que as primeiras palavras retornassem para seus autores de origem (ou que o grupo considerasse razoável o número de palavras produzida). O exercício resultaria em uma grande quantidade de palavras escritas em tiras de papel. Posteriormente, as pessoas repetiriam o mesmo exercício, escrevendo “meias frases” ao invés de palavras, ou seja, frases sem começo ou sem fim, pedaços de frase, resultando ao final em uma grande quantidade de fragmentos de frase em tiras de papel. A última etapa do exercício consistiria em distribuir uma quantidade de palavras e fragmentos de frase para cada pessoa, as quais escreveriam uma poesia à partir deste material. As poesias seriam expostas e recitadas ao final do encontro.

Evidencia-se que cada encontro projetado dos EMARANHAMENTOS está investido de encontros vivenciados pelo presente cartógrafo que vos escreve. A confecção deste conjunto de práticas, portanto, carrega consigo uma cartografia de encontros vivenciados tanto na UFSCar quanto em outros territórios, durante a construção de uma pesquisa de mestrado, demonstrando que a prática cartográfica se dá por uma análise de implicações, seleção e criação criteriosa de dispositivos-*chevêtres*, na constituição e valorização do plano comum enquanto possibilidade de analisar a realidade em sua processualidade produtiva. Entretanto, esta pesquisa encontrou no momento de sua experimentação uma adversidade a nível global: a crise pandêmica de COVID-19. Neste trabalho, a crise pandêmica se apresentou enquanto um vetor de produção de subjetividade que alterou drasticamente os procedimentos projetados.

LINHAS PANDÊMICAS DE SUBJETIVAÇÃO

Os EMARANHAMENTOS foram projetados para serem operacionalizados durante o mês de Abril de 2020, no centro de formação de professores no campus de São Carlos – SP da UFSCar. Com o surpreendente avanço da pandemia desencadeada pelo contágio massivo de Coronavírus, no final de Março, a instituição suspendeu todas as suas atividades presenciais por período indeterminado. Portanto, os EMARANHAMENTOS não poderiam ser efetuados, mesmo fora da instituição, pelo motivo de envolver a aglomeração de um grupo de pessoas em espaço fechado. Diante das orientações da Organização Mundial de Saúde, o presente cartógrafo decidiu não proceder com as práticas no formato de encontros grupais. Diante dos prazos e do cronograma projetado, foi decidido adaptar os EMARANHAMENTOS para um formato individual que pudesse ser efetuado por meio de vídeo-conferências.

Estes acontecimentos influenciaram o trabalho, porém, ao propor uma prática cartográfica de pesquisa é necessário contar com possíveis variações nos modos de subjetivação do território onde a pesquisa está inserida, portanto, é prevista a possível necessidade de alterar os EMARANHAMENTOS para que possam favorecer a produção de dados da pesquisa. Assim sendo, os EMARANHAMENTOS foram alterados à partir das possibilidades oferecidas por encontros via *softwares* de vídeo-conferência e do projeto anteriormente citado. Foi diminuída a quantidade de exercícios e acrescentada uma entrevista por meio da composição de um roteiro

e do manejo da proposição de entrevista cartográfica (TEDESCO; SADE & CALIMAN, 2014).

Em seu formato cyberindividual, os EMARANHEMENTOS foram configurados em dois encontros com cada discente que voluntariamente fez parte do processo de produção de dados. O primeiro encontro serviu para orientação acerca de como efetuar os EMARANHAMENTOS sozinho em casa, sendo propostos dois conjuntos de práticas. Foi oferecido material em formato digital para que a pessoa pudesse se orientar no processo, assim como o cartógrafo se dispôs a manter contato caso houvesse dúvidas.

Assim sendo, os EMARANHAMENTOS I e II foram transformados em procedimentos individuais:

EMARANHAMENTO I (Aonde vai este corpo?)

Foi oferecido um mapa digitalizado do campus da UFSCAR de São Carlos – SP. O discente deveria abrir este mapa em um *software* de edição de imagens em um computador. Foi sugerido o *software paint*, já que este integra os *softwares* básicos do sistema operacional *Windows*, mas também oferecida a possibilidade de utilizar outros da preferência do discente. Ao abrir o mapa por meio do *software*, o discente deveria traçar na imagem os trajetos percorridos durante o período enquanto discente do programa de pós-graduação em educação. Foi sugerido utilizar cores diferentes para o trajeto, assim como a possibilidade de criar símbolos, códigos que pudessem marcar a intensidade dos encontros no território. Em seguida, a pessoa deveria gravar um pequeno vídeo de no máximo três minutos de duração relatando como foi a experiência e que pensamentos e sensações que ela provocou.

EMARANHAMENTO II (O que sente este corpo?):

Foi proposta a atividade de traçar o *body-mapping* utilizando materiais gráficos (lápiz, caneta, tinta, giz, colagem...) em papel para, em seguida, este fosse digitalizado e enviado para o cartógrafo. Em seguida, como no exercício anterior, foi pedido que o discente gravasse um vídeo de no máximo três minutos de duração relatando os pensamentos e sensações que surgiram durante o desempenho da atividade.

EMARANHAMENTO III (O que quer dizer este corpo?):

Por fim, no segundo encontro, foram entregues as duas imagens e os dois vídeos via e-mail, *Whatsapp* ou *Facebook*, e efetuada a entrevista com a utilização de um roteiro com sete perguntas elencando alguns elementos que compõem a relação de um discente com um programa de pós-graduação em educação.

As falas dos vídeos e das entrevistas foram transcritas pelo cartógrafo, produzindo os dados que passariam a ser avaliados na escrita da dissertação. Onze discentes do programa de pós-graduação da UFSCar se voluntariaram a fazer parte da pesquisa durante o mês de Abril de 2020, efetuando suas inscrições por meio de formulário produzido na plataforma *Google Forms* e divulgado na comunidade discente.

Emaranhamentos de linhas discentes: Traçando um breve trajeto

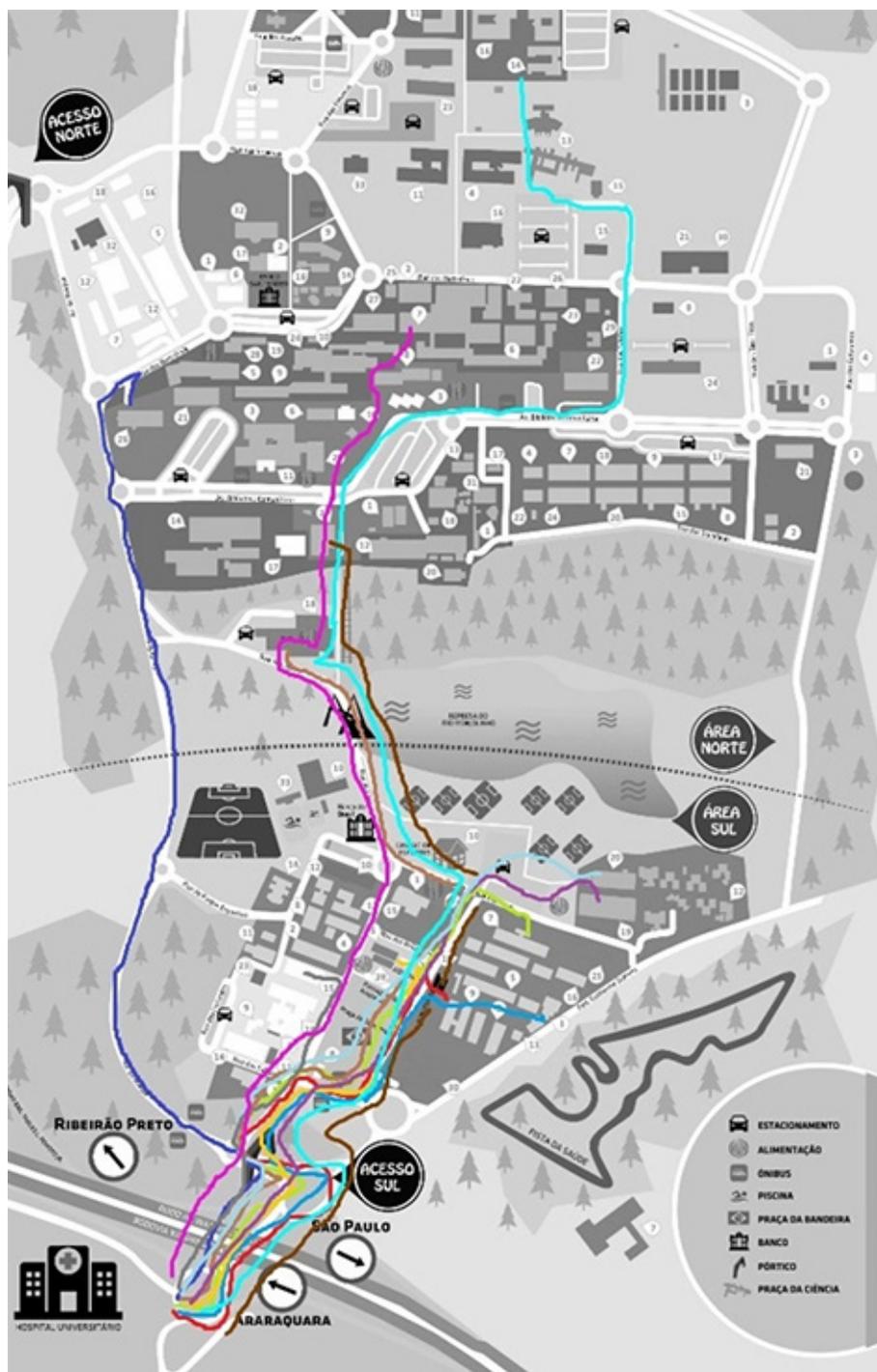


Imagem 1. Obra produzida por meio do EMARANHAMENTO I.

Fonte: acervo de pesquisa.

Para a apresentação de uma análise parcial de uma pesquisa em curso em nível de mestrado, neste artigo foram abordados os dados produzidos em relação ao EMARANHAMENTO I. A partir das obras produzidas na relação de discentes de pós-graduação em educação, em nível de mestrado e doutorado, foi possível mapear

trajetos percorridos no território da instituição de ensino superior, assim como afetos vividos nos corpos em múltiplas formas. Os trajetos produzidos no mapa da UFSCar por meio do EMARANHAMENTO I demonstram a prevalência de linhas de errância e linhas costumeiras (DELIGNY, 2018) nos movimentos da discente no território. Neste sentido, a relação com a instituição produz movimentos premeditados organizados em estruturas geométricas nos quais processos burocráticos se territorializam, centralizando práticas em determinadas edificações arquitetônicas do campus, o que evidencia a prevalência das linhas duras de subjetivação (DELEUZE & GUATTARI, 1996). Em meio à mesma instituição é possível experimentar linhas flexíveis por meio de filiações extensas com outras territorialidades do campus em práticas facultativas, não obrigatórias do currículo da pós-graduação em educação (DELEUZE & GUATTARI, 1996).

Neste sentido, a discente que produziu este mapa não residiu na cidade de São Carlos – SP durante o período em que esteve cursando o mestrado no PPGE. Esta situação fez com que ela tivesse de efetuar viagens interestaduais durante todo o período em que frequentou as disciplinas do programa. Por não residir na cidade, a discente passava, às segundas e terças-feiras, o dia todo no campus. Por conta disto, a discente em sua relação com o território procurou sanar suas necessidades e desejos produzindo linhas de errâncias e linhas costumeiras no cotidiano vivenciado na UFSCAR.

A busca por localidades confortáveis e razoavelmente silenciosas para estudar encontrou a composição de linhas costumeiras em três localidades: na biblioteca comunitária da UFSCar (linha marrom escuro) e no Departamento de educação (linha cinza). Outro aspecto da condição de passar o dia todo no campus é a necessidade de buscar alimentação, o que no mapa se apresentou como idas ao restaurante universitário (linha marrom claro) e a uma cantina no centro de convivência da área sul da UFSCar, conhecido como “palquinho” (linha amarela). Além disso, a discente traçou linhas flexíveis aproveitando seu tempo no campus para participar de eventos acadêmicos, cursos de língua inglesa e língua espanhola (linhas azul claro, azul escuro e lilás).

Também é possível identificar no mapa a prevalência das linhas duras, localizadas nas centrais de aulas teóricas nas quais foram ministradas as disciplinas curriculares do programa de pós-graduação em educação e também o edifício do Centro de Educação e Ciências Humanas, onde se localiza a secretaria no programa, a qual eventualmente a discente teve de visitar para resolver questões burocráticas com a instituição (linhas roxa, verde, azul acinzentado para centrais de aulas e linha vermelha para Centro de educação e ciências humanas). Para além desses fatores, a discente relatou que, por mais cansativa que fosse sua rotina, viu uma grande oportunidade em ocupar o campus, experiência que não teve durante seu curso de graduação. Tal experiência evidencia processos onde o aracniano se apresenta enquanto articulação dos agirem inatos, que buscam estabelecer redes com o território em processos de afirmação de uma postura experimental para com a conjuntura que se apresenta. O espaço de tempo produzido pela condição de aguardar os horários de aulas favorece movimentos de exploração que resultaram no traçado de territorializações que enriqueceram a experiência da discente com o campus enquanto integrante do programa de pós-graduação em educação.

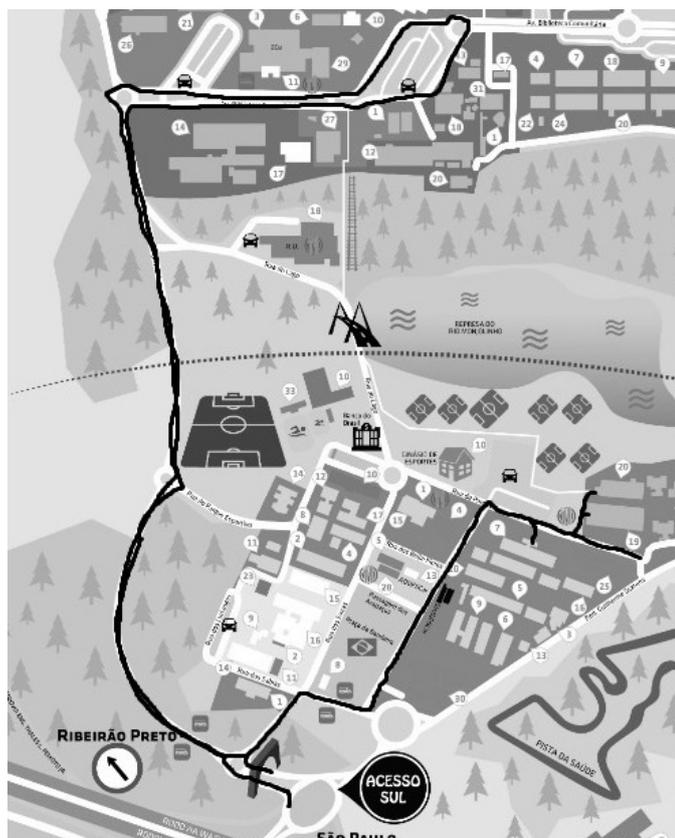


Imagem 1. Uma cartografia reduzida à linha dura de subjetivação.

Fonte: acervo de pesquisa

Como podemos observar na imagem II, há experiências muito menos prolíficas com a pós-graduação que ocorrem no mesmo programa. O discente que produziu esta obra por meio do EMARANHAMENTO I cursou seu mestrado enquanto trabalhava dentro da UFSCar, na Secretaria de Educação à Distância. Neste sentido, o que podemos observar são trajetos reduzidos às práticas utilitárias, ou seja, a cartografia que se apresenta se estabelece somente por meio de linhas duras de subjetivação, assim como, pela sobrecarga do projeto pensado (DELIGNY, 2018). O traçado em preto aponta ao norte a Secretaria de educação à distância e, ao sul, a relação com as centrais de aulas e uma cantina, o PQ, que se encontra próxima (pontas da linha preta). O discente diz que sua rotina foi muito corrida e desgastante, apresentado frustração no que diz respeito à impossibilidade de explorar outros aspectos do território, sendo a única possibilidade de interação com espaços e pessoas reduzida à dinâmica de trabalho e frequentar as aulas curriculares do programa:

Então essa foi minha vivência. Era o pessoal da sala, pessoal que eu encontrava no PQ e o pessoal do trabalho. Então meu contato com a Federal foi bem limitado, bem simples. Esse era meu trajeto. Sempre limitado. Eu gostaria de ter explorado mais, mas devido às circunstâncias que eu me encontrava naquele período era isso. Era sala de aula, trabalho, casa. Praticamente se resume a isso (Trecho do vídeo-relato proposto no EMARANHAMENTO I).

Tal experiência demonstra uma dinâmica comum aos programas de pós-graduação: a tensão entre as atividades curriculares e o cotidiano de trabalho. A tendência de discentes trabalhadores é a de que seus trajetos no território sejam reduzidos ao utilitário da linha dura de subjetivação diante de um espaço-tempo estriado (DELEUZE & GUATTARI, 1997), ou seja, que produzem instâncias codificadoras que esmagam possibilidades de experimentação e intensificação do desejo. Há de se pensar que a reprodução desta rotina a longo prazo pode facilmente resultar em processos de adoecimento. O discente ainda relata a prevalência de sintomas em decorrência da rotina como ganho de peso e perda de condicionamento físico diante da falta de tempo para exercer cuidados com o próprio corpo, o que também resultou, em consonância com o estresse vivenciado, em aumento de pressão arterial, algo que o discente nunca havia vivenciado em sua vida anteriormente. Além disso, o discente relatou a prevalência da insônia e dores de cabeça, diante de um fluxo de pensamentos que o acomete quando este está prestes a dormir. Os pensamentos persistentes se dão em forma de preocupações com prazos referentes às disciplinas e estágios, assim como com a preocupação de não dar conta da escrita da dissertação de mestrado. Além disso, são conteúdos que aparecem na medida em que não encontram brechas para se apresentar em meio à rotina. Tal vivência coloca em questão que tipo de ciência está sendo produzida a partir de cientistas doentes.

As implicações que atravessam este campo de problematização apontam para o desejo de cursar a pós-graduação no intuito de aprimorar conhecimentos em uma área de interesse, que se apresenta enquanto potência singular, portanto, efetuação de uma rede enriquecida de sentido. Por outro lado, o interesse de cursar pós-graduação se volta também para o desejo de melhorar sua condição de vida financeira, podendo pleitear cargos com remuneração superior a partir da aquisição de títulos. Para alguns discentes a única maneira de cursar uma pós-graduação é por meio de uma rotina semelhante à apresentada, tornando a pós-graduação excludente e configurando a persistência de relações adoecedoras com a instituição. Tais tensões explicitam o dilema projeto pensado-aracniano, no que diz respeito à característica apontada por Deligny da cultura humana ser codificada com uma tendência maior à sobrecarga do que à constituição de estruturas de rede (DELIGNY, 2018). Um corpo discente se apresenta enquanto um corpo que se questiona por quanto tempo vai aguentar essa dinâmica.

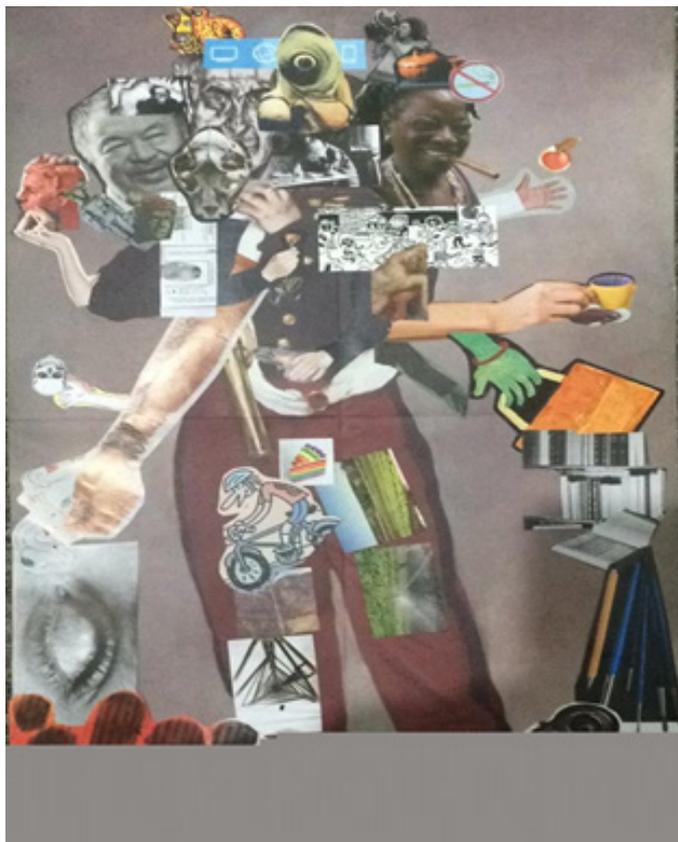


Imagem 3. Obra produzida por meio do EMARANHAMENTO II - Novos alcances e novas cabeças. Fonte: acervo de pesquisa.

Nesta obra o discente apresentou uma série de elementos que constituíram sua experiência na pós-graduação em educação até então. É possível observar livros, lápis, câmera fotográfica, bicicleta, hortas, café, um garoto estudando, um grupo de pessoas em festa... Que se apresentam enquanto potências singulares do discente. Este é fotógrafo e produtor de audiovisual, elemento constituinte de sua pesquisa em nível de mestrado. Portanto, a experiência é atravessada por uma relação com uma diversidade de obras de cinema, as quais orientam seu percurso metodológico. Além disso, a bicicleta se apresenta enquanto seu meio de locomoção para desempenhar atividades acadêmicas e profissionais, sendo este elemento algo marcante do relato feito pelo discente. O fato de ele efetuar suas atividades cotidianas se locomovendo por meio da bicicleta ofereceu grandes riscos ao cursar a pós-graduação. Seus trajetos implicam que ele atravessasse uma rodovia movimentada pela chegar até a UFSCar, tendo vivido episódios estressantes de “quase morte” no risco de um acidente de trânsito em meio a carros em alta velocidade na rodovia.

É possível observar na obra a existência de várias cabeças. O discente relatou que estes elementos representam o contato com uma multiplicidade de experiências, tanto no que diz respeito aos estudos teóricos e técnicos, quanto aos encontros vividos em grupos de pesquisa, aulas, territórios da UFSCar pelos quais efetuou suas errâncias como o encontro com discentes residentes da moradia estudantil no campus. Esta multiplicidade de encontros com experiências diversas, desde conhecer pessoas de outros países, pessoas de outras etnias, pessoas transgênero, até conhecer estudantes de outras áreas de conhecimento para além das quais ele

já anteriormente estudara. Esses elementos constituem o signo de um corpo com várias cabeças, na medida em que este corpo-estudante encontra com a alteridade, nele brotam cabeças com conceitos e vivências antes não experienciadas, trazendo novas maneiras de constituir a realidade.

Também é possível observar vários braços que se articulam com objetos, constituindo signos investidos de práticas efetuadas durante a pós-graduação. Dentre estas, o discente deu destaque para a experiência do escrever. Ele relata que seu agenciamento com a pós-graduação possibilitou a constituição de um saber que envolve mobilizar a multiplicidade de potências de seu corpo na constituição de um ritual de escrita:

Então tinham momentos que eu colocava um som, que era um som específico, um *deep house* sinistro. Uma batida muito cadenciada, profunda e eu escutava aquele som e aquele som começava a entrar no meu ouvido, começava a entrar em minhas mãos, se misturava com o meu olho, com o papel e o cérebro, e virava uma espiral de novo, saca? Uma espiral na minha frente, entre eu e o mundo. Eu e o mundo próximo, ou longe, porque afinal é um portal, se eu entrar eu vou pra um lugar muito mais longe, mas se eu voltar eu tô aqui ainda (Trecho do vídeo-relato proposto no EMARANHAMENTO II).

O discente mobiliza uma série de signos pessoais, como a espiral, utilizada para marcar encontros que funcionam como portais para acessar outras maneiras de percepção. Assim como, na constituição de um ritual de escrita é possível produzir esta espiral, a qual efetua operações de transformação que deformam barreiras entre elementos do corpo, conteúdos teóricos e a prática da escrita, o agenciamento em um estado imanente à escrita. Tal ritualística apresenta a conjunção de experiências vividas em modos de subjetivação que se materializam na escrita.

FRAGMENTO DE CONCLUSÃO

Neste trabalho foram abordados os percursos pelos quais o presente cartógrafo constituiu experimentações a partir da conjunção de conhecimentos teóricos e técnicos em encontros com territórios e grupos de pessoas para a contribuição para metodologias de pesquisa em educação. A prática cartográfica se propõe enquanto método de pesquisa que, no encontro com áreas de conhecimento e cientistas, varia em formas e procedimentos. Neste sentido, não há um consenso ou a constituição de uma estrutura homogênea do que é uma pesquisa que envolve a prática cartográfica, mas pistas, experiências criativas. Neste caso, foram apresentadas algumas criações a partir de sua origem epistemológica (DELEUZE & GUATTARI, 1995), assim como o encontro com referências do mesmo contexto histórico (DELIGNY, 2018) e referências contemporâneas (PASSOS; KASTRUP & TEDESCO, 2014; e PASSOS; KASTRUP & DA ESCÓSSIA, 2009) na produção de uma pesquisa acerca da pós-graduação em educação por meio das experiências vividas por pessoas na condição de discentes. Este artigo apresentou uma análise parcial de uma pesquisa em nível de mestrado ainda em curso, havendo ainda uma diversidade de dados produzidos em análise para a complexificação das problematizações expostas neste estudo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOAL, A. **Jogos para atores e não-atores**. 15 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- DELEUZE, G. O que é um dispositivo? Tradução de Ruy de Souza Dias e Hélio Rebello (revisão técnica), 2001 (não publicado). Do original: Qu'est-ce qu'un dispositif? In: **Michel Foucault philosophe**. Rencontre internationale. Paris 9, 10, 11 janvier. 1988. Paris, Seuil. 1989.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs** (Vol. 1). Rio de Janeiro – RJ: Editora 34, 1995.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs** (Vol. 3). São Paulo - SP: Editora 34, 1996.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs** (Vol. 4). São Paulo – SP: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs** (Vol. 5). São Paulo – SP: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O Anti-Édipo**. São Paulo – SP: Editora 34, 2010.
- DELIGNY, F. O Aracniano. In: **O Aracniano e outros textos**. São Paulo – SP: n - 1 edições, p. 13-113, 2018.
- DELIGNY, F. A criança preenchida. In: **O Aracniano e outros textos**. São Paulo – SP: n - 1 edições, p. 159-167, 2018.
- DELIGNY, F. Esse ver e o olhar-se ou O elefante no seminário. In: **O Aracniano e outros textos**. São Paulo – SP: n - 1 edições, p. 129-137, 2018.
- DELIGNY, F. **Vagabundos eficazes**: operários, artistas, revolucionários: educadores. São Paulo – SP: n - 1 edições, 2018.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro - RJ: Graal, 1979.
- GASTALDO, D.; RIVAS-QUARNETI, N.; MAGALHÃES, L. Body-Map Storytelling as a health research methodology: Blurred lines creating clear pictures. **Forum Qualitative Sozialforschung / Forum Qualitative Social Research**, [S.I.] v. 19, n. 2, mar. 2018. ISSN 1438-5627. Disponível em: <<http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/2858/4199#g3>>. Acessado em: 02 de Junho de 2020.
- GUATTARI, F. e ROLNIK, S. **Micropolítica**: Cartografias do desejo. Petrópolis – RJ: Vozes, 1986.
- GUATTARI, F. **As Três ecologias**. Campinas – SP: Papyrus, 1990.
- KASTRUP, V.; BARROS, R. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, E; KASTRUP, V; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa intervenção e produção de subjetividade. 1 ed. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- MIGLIORIN, C. et al. **Cadernos do inventar**: cinema, educação e direitos humanos. Niterói – RJ: Universidade Federal Fluminense (UFF), 2016.
- PASSOS, E. BARROS, R. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa intervenção e produção de subjetividade. 1 ed. Porto Alegre - RS: Sulina, 2009.
- ROLNIK, S. **Cartografia sentimental**. São Paulo – SP: Clube do Livro Ltda., 1989.
- TEDESCO, S.; SADE, C.; CALIMAN, L. A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia**: a experiência da pesquisa e o plano comum (Vol. 2). 1 ed. Porto Alegre – RS: Sulina, 2014.